

# Althusser e a Sobredeterminação na Obra de Marx

## Althusser and the Overdetermination on Marx's Work

ÉMERSON PIROLA<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo é apresentada a leitura singular da obra marxiana efetuada por Althusser, leitura que é radicalmente oposta à do marxismo humanista e/ou hegeliano. Em geral, defende-se que o conteúdo do conceito de “sobredeterminação” é o principal elemento que diferencia as dialéticas marxiana e hegeliana. De forma focada, passa-se de uma apresentação das noções de Mao Tsé-Tung sobre a contradição e a dialética às reflexões propriamente althusserianas sobre a sobredeterminação e a “determinação em última instância pelo econômico”. Em seguida discute-se as diferenças entre o sistema de esferas hegeliano e o edifício marxiano para concluir com um debate e uma negação da ideia de que a dialética marxista é uma “inversão” da de Hegel.

**Palavras-chave:** Althusser. Marx. Sobredeterminação. Contradição. Dialética.

**Abstract:** In this paper I present Althusser's singular reading of Marx's work, which is radically opposed to both Humanist and Hegelian Marxism. In general I argue that the content of the concept of “overdetermination” is the main element that distinguishes Marxian and Hegelian dialectics. In a focused way, I follow a presentation of Mao Tsé-Tung's notions of contradiction and dialectics and Althusser's thoughts on overdetermination and “determination in the last instance by the economic”. Then I discuss the differences between Hegel's system of “sphere of spheres” and Marx's edifice structure, concluding with a denial of the idea that Marxist dialectics is an “inversion” of Hegel's.

**Keywords:** Althusser. Marx. Overdetermination. Contradiction. Dialectics.

### INTRODUÇÃO

As contribuições de Louis Althusser constituem marco fundamental na história da tradição marxista. Sua obra foi um projeto ambicioso de releitura

---

<sup>1</sup> PPG-Filosofia PUCRS. E-mail: emerson.pirola@acad.pucrs.br.

da teoria marxiana com o claro objetivo de resgatar o marxismo, que, após o stalinismo, sobretudo após 1956, com o “discurso secreto de Khrushchov” e com a repressão da Revolução Húngara<sup>2</sup>, estava em crise. Diante dessa situação, os Partidos Comunistas mundo afora entraram em certo processo de “desestalinização”. Contudo o que ocorre em muitos casos é que, ao escapar do dogmatismo stalinista, engendra-se um marxismo idealista e que nega o valor de ciência do materialismo histórico. Isso tem como consequências políticas o surgimento de tendências liberais e reformistas dentre os teóricos comunistas, sobretudo no Ocidente (MOTTA, 2014). Como nos alerta Althusser,

aqueles que imputam a Stalin, além de seus crimes e seus erros, o conjunto de nossas decepções, de nossos erros e de nossos infortúnios, em qualquer domínio, correm o risco de vir a ficar muito desconcertados ao constatarem que o fim do dogmatismo filosófico não nos devolveu a filosofia marxista em sua integridade (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 21).

Se opor ao dogmatismo e aos crimes do stalinismo não nos dá, de imediato, um pensamento marxista efetivo e salvo de equívocos ou simplificações. Nesse contexto, a maior parte dos marxistas que se “desestalinizaram” adotou uma posição teórica centrada em uma interpretação humanista da obra de juventude de Marx, além de sobrepor ao marxismo a dialética hegeliana, que seria a herança metodológica idealista pronta para ser usada pelo materialismo histórico-dialético. Althusser, por outro lado, adotará uma posição radicalmente diferente.

Althusser, com o lançamento das duas principais obras de sua primeira fase<sup>3</sup> em 1965: *Por Marx*, coletânea de artigos escritos e publicados individualmente entre 60 e 64; e *Ler o Capital*, livro coletivo com a participação do próprio e de seus alunos Étienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey e Jaques Rancière, proporá uma leitura original da obra marxiana. Como ele afirmará mais tarde, a noção de “corte epistemológico”

---

<sup>2</sup> Que fez Jean-Paul Sartre, em *O Fantasma de Stalin* (1967, [1956]), tomar uma postura crítica aos soviéticos e tecer reflexão sobre como seria possível continuar sendo comunista diante desses acontecimentos.

<sup>3</sup> Luiz Eduardo Motta (2014) separa a trajetória de Althusser em 4 momentos distintos: a primeira sendo a do lançamento da polêmica anti-humanista, na década de 60; após há uma fase de autocrítica e retificação, sobretudo na primeira metade de 1970; segue-se uma radicalização da segunda fase e da tomada de posições políticas leninistas e maoístas; e por fim, há a derradeira fase do materialismo aleatório ou materialismo do encontro, onde o autor abandona alguns dos conceitos de suas fases anteriores.

constitui “a categoria central de meus primeiros ensaios” (1978 [1972b], p. 87). Essa noção, emprestada de Gaston Bachelard, seria fundamental para uma leitura apropriada da obra marxiana – com ela Althusser introduz uma cisão entre os escritos do jovem Marx (obras fundamentais para os marxistas humanistas) e a obra do Marx da fase de maturação e maturidade. O “corte epistemológico” acontece n’*A Ideologia Alemã* [1845], mas se radicaliza com o tempo<sup>4</sup>. Uma investigação maior da função do “corte epistemológico” não faz parte da empresa do presente texto, mas, basicamente, o corte separa, em qualquer ciência, o nascimento de sua *problemática* própria de seus elementos ideológicos ou pré-científicos anteriores, “de tal modo que a obra de Marx se apresenta com uma dupla construção em um só corte. Ou melhor: um duplo corte em uma só construção.” (BADIOU, 1979, p. 12). O “corte” introduziria num mesmo movimento a nova ciência, o “materialismo histórico”, e a nova filosofia, o “materialismo dialético”, próprias do marxismo. Essa filosofia, porém, nunca teria sido explicitamente desenvolvida por Marx mas estaria em estado *prático* nas obras científicas, como n’*O Capital* [1867]. A obra de Althusser na década de 60 tem como principal objetivo demonstrar e desenvolver qual seria essa filosofia imanente nos textos marxianos para, enfim, produzir um “(re)nascimento do materialismo dialético<sup>5</sup>” (BADIOU, 1979). Basicamente, era necessário desenvolver o que é e como funciona o par materialismo histórico-dialético. A conclusão de Althusser será a de que a dialética marxista é radicalmente diferente da hegeliana – não tratar-se-ia de uma simples diferença de objeto com um método igual ou similar.

Como diz Alex Callinicos, o pensamento de Althusser

possui certos pontos fortes que o fazem indispensável para qualquer tentativa de continuar a tradição marxista. [...] Em primeiro lugar, a crítica de Althusser à toda tentativa de basear o materialismo histórico nas estruturas conceituais do pensamento hegeliano é, a meu ver,

<sup>4</sup> Houve certamente um “‘ponto de não retorno’; mas, para não voltar atrás, é preciso avançar, e, para avançar, quantas dificuldades e lutas!” (ALTHUSSER, 1978 [1972a], p. 46).

<sup>5</sup> O mesmo objetivo anunciado por Gyorgy Lukács em *Para uma ontologia do ser social*, produzido também nos anos 60: “restauração do marxismo autêntico” (LUKÁCS, 2012, p. 326). O projeto de Lukács, entretanto, é diametralmente oposto ao de Althusser: “As tentativas de Lukács, limitadas à história da literatura e da filosofia, parecem-me contaminadas por um hegelianismo vergonhoso.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 106). Estamos cientes de que essa crítica de Althusser é anterior ao projeto da *Ontologia*, mas não resta dúvida de que o último Lukács constitui um dos seus principais opositores teóricos. Até hoje, no Brasil de forma intensa, há um forte embate entre marxistas althusserianos e lukácsianos (MOTTA, 2014).

absolutamente definitiva. [Seus ensaios da década de 60] destroem a ideia de que o método dialético de Hegel pode ser separado de seu sistema idealista<sup>6</sup>. (CALLINICOS, 1993, p. 43. Tradução nossa).

O presente artigo tem como objetivo explicitar como se dá essa diferenciação em relação a Hegel a partir, principalmente, de dois textos de *Por Marx: Contradição e sobredeterminação* e *Sobre a dialética materialista*. Basicamente afirmamos, concordando com Callinicos (1993), Luiz Eduardo Motta (2012; 2014) e Stuart Hall (2003) que o conceito de sobredeterminação, emprestado da psicanálise para o marxismo, configura ponto nodal como o diferencial dos sistemas hegeliano e marxista. Para isso explicitaremos: a relação teórica de Althusser com o marxismo chinês de Mao Tsé-Tung, cujos desenvolvimentos sobre o conceitos de contradição já contêm, de certa forma, a ideia de sobredeterminação; os desenvolvimentos de Althusser sobre a sobredeterminação e determinação em última instância pelo econômico; a diferença do sistema marxiano (edifício) e do hegeliano (esfera de esferas) e o fim da ideia de simples “inversão” da dialética. Atento que nos concentraremos em *Por Marx*, pois nessa obra há um debate no vocabulário estabelecido no marxismo. Como indica Motta, “no livro *Ler O Capital*, Althusser em vez de usar o conceito de sobredeterminação emprega o de ‘causalidade estrutural’ e exclui o de contradição” (2012, p. 81).

### A INFLUÊNCIA MAOÍSTA

O maoísmo, após a intensificação da ruptura sino-soviética e, sobretudo, após a Revolução Cultural Chinesa (1966) e o Maio de 68, teve grande inserção nos círculos de militância política franceses - ainda que o PCF continuasse a manter uma posição alheia à essa influência, posição que oscilou entre a filiação soviética e a aliança com o Partido Socialista. Essa influência do maoísmo não se reduzia apenas aos meio de militância mas tinha reflexo nas produções intelectuais de vários pensadores hoje bastante renomados, ainda que atualmente tenham se afastado, uns mais outros menos, do

---

<sup>6</sup> O autor atenta que “houveram outros marxistas oponentes de Hegel, mas nenhum formulou as diferenças entre as dialéticas hegeliana e marxista com a mesma clareza e perspicácia metafísica de Althusser. O que chegou perto de o fazer – Adorno – nunca foi capaz de escapar do círculo de conceitos hegelianos, visto que a sua leitura do capitalismo era fortemente influenciada pela obra prima do marxismo hegeliano, *História e Consciência de Classe* [Lukács]” (CALLINICOS, 1993, p. 43. Tradução nossa). Aqui aparece novamente, de forma mais ou menos velada, o embate lukácsianos x althusserianos mencionado na nota anterior.

maoísmo. Nomes como os de Alain Badiou<sup>7</sup>, Jaques Rancière, Étienne Balibar, Pierre Macherey, entre outros, tiveram a influência de Mao de algum modo - mais à militância, mais à teoria.<sup>8</sup> Quanto ao maoísmo de Althusser, porém, aumenta na segunda metade da década de 70, quando o filósofo “acentuou ainda mais os traços leninistas [anteriores] e incorporou mais abertamente o maoísmo no aspecto político, além de demarcar uma posição completamente crítica às posições do PCF.”<sup>9</sup> (MOTTA, 2014, p. 15). Essa influência do marxismo chinês pode ser percebida também na tese do primado das relações de produção sobre as forças produtivas, defendida pelo grupo althusseriano em *Ler o Capital*,<sup>10</sup> visto que era uma tese maoísta, enquanto Stalin, em *Materialismo Dialético e Materialismo Histórico* defendia o contrário: o primado das forças produtivas. A obra de Mao constituía nesse contexto, para um intelectual marxista não dogmático, uma interessante fonte tanto para práticas teóricas quanto políticas.

É já em 1963, em *Contradição e Sobredeterminação*, que Althusser faz referência direta à Mao, cujo texto de 1937, *Sobre a contradição*,

contém toda uma série de análises em que a concepção marxista da contradição aparece sob uma luz alheia à perspectiva hegeliana. Procurar-se-ia em vão, em Hegel, os conceitos essenciais desse texto: contradição principal e contradição secundária; aspecto principal e aspecto secundário da contradição<sup>11</sup>. (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 104).

A interpretação de Mao sobre este conceito fundamental para a tradição marxista é original e não hegeliana, o que chamará a atenção de Althusser de maneira positiva.

---

<sup>7</sup> Inclusive, o maoísmo de Badiou foi um dos principais motivos de ruptura com Althusser, que, no texto *O Recomeço do Materialismo dialético*, anteriormente mencionado, era bastante elogiado - “em relação a Althusser, a posição de Badiou foi oscilante; enquanto no período dos anos 1960 esteve bastante vinculado às suas posições teóricas, nos anos 1970 demarcou uma ruptura com seu mestre na qual lhe teceu intensas críticas de teor político devido à ligação de Althusser com o PCF, e das posições vacilantes desse partido no contexto político francês/europeu. Contudo, em tempos recentes, Badiou vem reconhecendo a importância e o legado da obra de Althusser no cenário político/intelectual.” (MOTTA 2012, p. 75).

<sup>8</sup> Ver CHATEIGNER (2013) para um balanço histórico da ligação desses nomes e o de Althusser com o maoísmo.

<sup>9</sup> Ainda que de dentro do Partido, acrescentamos.

<sup>10</sup> Ver: (GARCIA, 2014).

<sup>11</sup> A lista segue: “contradições antagônicas e não antagônicas; lei da desigualdade de desenvolvimento das contradições.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 104). Trataremos diretamente apenas dos conceitos apresentados no corpo do texto.

O começo básico das reflexões de Mao é que a *dialética materialista* (o termo é dele)

sustenta que o desenvolvimento surge das contradições dentro de algo. [...] [mas] para entendermos o desenvolvimento de uma coisa devemos estudá-la internamente e em suas relações com outras coisas; em outras palavras, o desenvolvimento das coisas deve ser visto como seu autodesenvolvimento interno e necessário, enquanto cada coisa em seu movimento está inter-relacionada e interage com as coisas a sua volta. A causa fundamental do desenvolvimento de uma coisa não é externa, mas interna; e está no aspecto contraditório interior à coisa. (MAO TSÉ-TUNG, 2008 [1937], p. 85 -6).

O primeiro ponto parece ser claro à tradição marxista em geral: o mundo é contraditório e são as contradições que movem o mundo; o marxismo deve estudar a dialética dessas contradições a fim de apreender o movimento do real e poder agir politicamente nesse mundo. Assim, no capitalismo, a contradição descoberta já por Marx é entre capital e trabalho; no imperialismo, segundo Lenin, a contradição é entre monopólio e livre concorrência. Essas seriam as contradições principais de cada um dos objetos em questão (capitalismo, imperialismo). Porém Mao atenta que essas contradições nunca se dão isoladamente, em seu movimento interno. A contradição “capital x trabalho” é influenciada e influencia na contradição “monopólio x concorrência”. Assim sendo, Mao faz eco ao desenvolvido na *Introdução de 57*<sup>12</sup> ao apresentar de forma breve, primeiramente, a contradição universal (fácil de ser compreendida), para então passar às contradições particulares. Somente após o estudo das contradições particulares pode-se voltar ao universal e à tentativa de pensar como as contradições em geral se dão. Porém não é mais no mesmo universal que nos deparamos: esse “universal” do segundo momento, “filtrado” pela análise do funcionamento das contradições particulares, mostra como “é precisamente na particularidade da contradição que reside sua universalidade” (MAO TSÉ-

---

<sup>12</sup> “A *produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. Entretanto, esse *Universal*, ou o comum isolado por comparação, é ele próprio algo multiplamente articulado, cindido em diferentes determinações.” E: “para todos os estágios da produção há determinações comuns que são fixadas pelo pensamento como determinações universais; mas as assim chamadas condições universais de toda produção nada mais são do que esses momentos abstratos, com os quais nenhum estágio histórico efetivo da produção pode ser compreendido.” (MARX, 2011 [1857], p. 41; 44. Grifos do autor).

TUNG, 2008 [1937], p. 89). Ou seja, não existe de fato contradição simples, universal, entre dois aspectos quaisquer, isolados abstratamente em uma universalidade de princípio, mas sim contradições que se dão num “todo sempre já dado” (ALTHUSSER, 2015 [1965], *passim*) – contradições imbricadas umas às outras e que mudam a forma possível do movimento através das transformações no jogo de forças entre os aspectos de cada uma. Falar, por exemplo, na contradição “capital x trabalho” sem ver onde, como, quando, é não lidar com uma contradição real. “Este é o argumento fundamental de Mao: a contradição principal (universal) não se sobrepõe àquela que deveria ser tratada como a contradição dominante numa situação particular – a dimensão universal literalmente reside nessa contradição particular.” (ZIZEK, 2008, p. 13).

A distinção proposta por Mao entre contradição principal e secundária vai ao encontro da necessidade do estudo do particular. Sempre há uma contradição principal, contradição que influirá nas secundárias. Falando em termos de “contradição universal” no sentido mencionado anteriormente, no feudalismo, por exemplo, a contradição principal é a entre a servidão e os proprietários de terras – Na China feudal da época da dominação imperialista, por outro lado, a contradição *dominante* tornou-se a entre independência e colonização, fazendo com que a luta entre os proprietários e as massas de camponeses ficasse em segundo plano (MAO TSÉ-TUNG, 2008 [1937]). É no estudo dessas particularidades que se encontra a contradição, pois a contradição simples, que definiria, abstratamente, o feudalismo (servidão x propriedade das terras) ou o capitalismo (trabalho x capital), é sempre determinada pelas outras contradições à que está interconectada, bem como pelas particularidades de cada um dos aspectos das contradições (a burguesia inglesa de 1930, por exemplo, não é a mesma que a americana). O alerta de Mao é claro:

deveríamos não só entender a particularidade dessas contradições, isto é, em suas interconexões, mas também estudar os dois aspectos de cada contradição como única forma de entender a totalidade, [isto é,] entender que posição específica cada aspecto ocupa, que formas concretas ele assume em sua interdependência e em sua contradição com seu contrário, e que métodos contrários são empregados na luta com seu contrário. (MAO TSÉ-TUNG, 2008 [1937], p. 98).

Uma análise efetiva das contradições deve sempre partir das contradições localizadas em determinado local, que, por sua vez, estarão conexas às outras contradições do mesmo todo em questão. Fica claro o quanto o marxismo de Mao foge de um economicismo vulgar, onde a contradição econômica explicaria tudo sempre e em todo lugar. Em vez de lidar com essas contradições simples, como “capital x trabalho”, é necessário uma atenção às particularidades em que essa contradição se apresenta. A partir dessa concepção Mao produz uma abertura nas formas de agir sobre a história: “a contradição e a luta são universais e absolutas, mas os métodos para resolver as contradições, isto é, as formas de luta, diferem de acordo com as diferenças na natureza das contradições” (MAO TSÉ-TUNG, 2008 [1937], p. 123).

Um segundo ponto defendido por Mao, e que é comum a Althusser, é uma concepção de dialética radicalmente não hegeliana, visto que nega o aspecto mais fundamental dela: a *superação* ou *negação da negação*. Ainda que não desenvolva longamente essa ideia, Mao é incisivo: “A negação da negação não existe” (2008 [1964], p. 225). A dialética marxiana seria diferente da de Hegel por não ser uma dialética da conciliação – visto que não há o terceiro momento, a negação da negação, não há *Aufhebung*, uma superação que conserva o superado<sup>13</sup>. Em um texto de Alain Badiou, de 1975, justamente um comentário e uma exaltação a Mao, o autor afirma:

Toda verdade<sup>14</sup> afirma-se na destruição de um absurdo. Toda verdade é, portanto, essencialmente destruição. Tudo o que simplesmente conserva é simplesmente falso. [...] A essência de classe da razão como rebelião encontra-se na luta até a morte<sup>15</sup> de opostos. A verdade só existe em um processo de cisão. (BADIOU, 2005 [1975], p. 676-7. Grifos e tradução nossos).

---

<sup>13</sup> Saliento que o “corte” e o afastamento, por parte de Marx, do hegelianismo não são os aspectos fundamentais aqui. Mas como poder-se-ia objetar que Marx utiliza as noções hegelianas mesmo em sua maturidade, e de fato ele as utiliza (a “negação da negação”, por exemplo, aparece n’O *Capital* uma única vez), reafirmo a posição de Althusser em sua fase de autocrítica: há um “desaparecimento tendencial” destes termos (ALTHUSSER, 1979 [1972a], p. 45).

<sup>14</sup> Nesse contexto o que Badiou chama de “verdade” é, simplificando, o processo de desenvolvimento do real: “A verdade é um processo concreto” (BADIOU, 2005 [1975], p. 671. Tradução nossa).

<sup>15</sup> Uma provável referência à luta entre o senhor e o escravo hegelianos. Em Hegel, porém, ninguém morre.



A dialética marxista é uma dialética da *destruição* (MOTTA, 2014), não da superação. Uma posição teórica que inculcasse ao marxismo a dialética hegeliana, a lógica da superação e conservação, cairia eventualmente em posições reformistas e antirrevolucionárias, visto que a negação da negação sempre mantém o que foi negado no momento seguinte: não há verdadeira descontinuidade quando se trata de Hegel. As consequências políticas dessa posição teórica são bem resumidas por Luiz Eduardo Motta: “Na concepção de Mao, a negação da negação de fundo hegeliano seria uma espécie de decreto revogatório de qualquer transformação social, a contínua reposição do passado no presente, portanto, uma interdição perene à superação efetiva de um modo de produção.<sup>16</sup>” (MOTTA, 2012, p. 77)

### **SOBREDETERMINAÇÃO E DETERMINAÇÃO EM ÚLTIMA INSTÂNCIA**

Althusser, em seu texto de 1963, *Contradição e Sobre-determinação*, tem como objetivo principal debater o que significa, para o marxismo, a ideia clássica de determinação pelo econômico. Não raro na tradição marxista apareceu a interpretação de que a infraestrutura econômica determinaria mecanicamente a superestrutura jurídica e ideológica: a segunda seria um *reflexo* da primeira. Essa posição, defendida das mais diversas maneiras, mas mantendo essa simplicidade inicial, foi, de certa forma, justificada por certos trechos do próprio texto marxiano quando lidos isoladamente e de maneira simplista. No famoso *Prefácio de 59*, por exemplo, comentando a própria trajetória, Marx afirma sobre a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução* [1844]:

Minha investigação desembocou no seguinte resultado: relações jurídicas, tais como formas de Estado, não podem ser compreendidas nem a partir de si mesmas, nem a partir do assim chamado desenvolvimento geral do espírito humano, mas, pelo contrário, elas se enraízam nas relações materiais de vida, cuja totalidade foi resumida por Hegel sob o nome ‘sociedade civil’, seguindo os ingleses e franceses do século XVIII; mas que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política. (MARX, 1979 [1859], p. 135).

---

<sup>16</sup> É interessante como essa crítica maoísta da falta de ruptura quando se trata da dialética hegeliana lembra a crítica nietzschiana da mesma. Não é coincidência que Zizek chame atenção ao “modo protonietzschiano” com que Mao prevê a “superação” do homem (2008).

Nada parece indicar, porém, que a “anatomia” da “sociedade civil”, que deve ser buscada na “Economia Política”, defina todo o resto de maneira simples ou unilateral. Como o próprio Engels afirma, muitos anos depois, ele e Marx nunca reduziram as determinações ao econômico. A citação é longa, mas justifica-se por ser o próprio autor a negar o economicismo vulgar, tão imputado à essa tradição por críticos e adeptos:

Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez se quer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fator econômico é o único fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda. [...] os diferentes fatores da superestrutura [...] também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante. (ENGELS, 1890, p. 1. Primeiro grifo nosso e segundo do autor).

A noção de *determinação em última instância* pelo econômico será central para os desenvolvimentos de Althusser. Ele não negará a importância do econômico, como por vezes fizeram os marxistas humanistas<sup>17</sup>, mas também não afirmará um reducionismo economicista, como alguns de seus críticos denunciaram (MOTTA, 2014). A contribuição de Mao, então, será fundamental, pois ao enquadrá-la em seu pensamento “Althusser rompe criticamente com a concepção monista/redutora e define a existência de uma multiplicidade de contradições [...] numa dada conjuntura de uma formação social” (MOTTA, 2012, p. 79 - 80).

Se quisermos usar as categorias clássicas do marxismo, infraestrutura econômica e superestrutura jurídico-ideológica, poderíamos dizer que, em Althusser e em Marx, a infraestrutura é sempre *determinante em última instância*, porém não é, por essa razão, sempre o aspecto *dominante* – o que reflete os desenvolvimentos de Mao. As superestruturas podem, em momentos específicos, ser dominantes, porém essa dominação da superestrutura é possibilitada, justamente, pela determinação econômica no momento e local históricos em questão. De maneira geral, *en passant*, o próprio Marx nos deu essa distinção ao se defender, n’O *Capital*, da crítica de que estaria correto

---

<sup>17</sup> Como por exemplo, E. P. Thompson, o mais feroz e famoso dos críticos de Althusser, que “preocupado em sua obra historiográfica em não ceder nenhum terreno ao economicismo, orienta-se ocasionalmente ao que seus críticos denominaram ‘culturalismo’.” (MARTÍN, 2014, p. 135).

afirmar que na modernidade é a economia o fator determinante mas que não se poderia dizer o mesmo da antiguidade e da Idade Média. Marx ironiza: “É claro que a Idade Média não podia viver do catolicismo, assim como o mundo antigo não podia viver da política. Ao contrário, é o modo como eles produziam sua vida que explica por que lá era a política, aqui o catolicismo que desempenhava o papel principal.”<sup>18</sup> (MARX, 2015 [1867], p. 157. Grifo nosso). Basicamente, o que é proposto por Althusser é que há, de um lado, determinação pelo econômico e de outro uma “autonomia relativa das superestruturas e sua eficácia específica” (20015 [1965], p. 87. Grifo do autor).

É neste campo de pressuposições teóricas que o marxismo deve se manter a fim de não cair nem no economicismo nem no humanismo “culturalista”. Ao pensar uma contradição de uma formação social dada, mesmo uma econômica, deve-se sempre pensá-la em sua particularidade e sua conexão com outras contradições. Uma contradição econômica específica não é a única que importa para o entendimento dela mesma, visto que ela pode ser *sobredeterminada* por outras contradições. Corrijamos: Uma contradição econômica *sempre* será *sobredeterminada*. Como coloca Althusser, é preciso entender que a *sobredeterminação*

é universal, que a dialética econômica nunca joga no estado puro, que nunca se veem na história essas instâncias que são as superestruturas etc. se afastarem respeitosamente quando realizaram suas obras ou se dissiparem como seu puro fenômeno para deixar avançar pela estrada real da dialética majestade Economia porque o Tempo teria chegado. Nem no primeiro nem no último instante, a hora solitária da ‘última instância’ jamais chega.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 89. Grifos do autor).

Fica claro que acusar Althusser de economicismo revela ou desconhecimento ou má fé.

Acabamos de demonstrar como as contradições econômicas não devem ser consideradas em estado puro, visto que elas são *sobredeterminadas* por outras contradições no todo que se encontra. Porém resta um esclarecimento a ser feito. Nos parágrafos acima, visto que estávamos refutando uma leitura economicista da obra de Marx, focamos a

---

<sup>18</sup> “A determinação em última instância pela economia se exerce justamente, na história real, nas permutas de papel principal entre a economia, a política, a teoria etc.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 171).

atenção nas contradições econômicas e na sua sobredeterminação. Entretanto esse conceito não pode ser entendido como se houvesse uma determinação econômica, a determinação em última instância, e sobre essa, houvesse uma sobredeterminação por outras contradições. Ler dessa maneira seria cair numa espécie de economicismo mais sofisticado. Deve-se atentar, então, que *qualquer* que seja a contradição, econômica ou não, ela é sempre e já *sobredeterminada*. “A sobredeterminação designa, na contradição, a qualidade essencial seguinte: a reflexão, na própria contradição, de suas *condições de existência*, ou seja, de sua situação na estrutura com dominante do todo complexo.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 168. Grifo nosso). Não há contradição, infra ou superestrutural, que exista de maneira isolada. Ela sempre existente numa “estrutura com dominante do todo complexo” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 168) que é a complexidade de múltiplas contradições interconectadas, mas, como já indicava Mao, com uma contradição dominante.

#### **MÉTODO MARXIANO, MÉTODO HEGELIANO**

Todo o conteúdo da seção que se inicia já está presente, de forma intrínseca, no desenvolvido anteriormente. Quando se entende a função conceitual estruturante do conceito de sobredeterminação já se está a um passo de reconhecer a diferença da dialética hegeliana da dialética marxista. O método marxiano é desenvolvido de forma dedicada apenas em um texto, a *Introdução à Crítica da Economia Política* [1857]. Segundo Althusser,

a Introdução não é mais do que uma longa demonstração da tese seguinte: o simples jamais existe senão numa estrutura complexa; a existência universal de uma categoria simples nunca é originária, ela só aparece ao fim de um longo processo histórico, como o produto de uma estrutura social extremamente diferenciada; nunca lidamos, portanto, na realidade, com a existência pura da simplicidade, seja ela essência ou categoria, mas com a existência de ‘concretos’, de seres e de processos complexos e estruturados. (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 159).

Como já nos lembrava Mao, não lidamos com categorias ou contradições simples, mas sempre complexas. O aspecto de toda contradição nunca é determinado unilateralmente pela luta com seu contrário, mas também externamente, diante das outras contradições, cujos aspectos são igualmente

determinados externamente. Lidamos, portanto, com “concretos” – “Concreto que é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações.” (MARX, 2011 [1857], p. 54). O método marxiano constituiria, resumidamente, em negar a existência do simples, em supor sempre o complexo – em suma: admitir a universalidade da sobredeterminação.

Por outro lado, na dialética hegeliana o simples é uma categoria fundamental, ao menos para o início do sistema. O método hegeliano, como ele se apresenta, por exemplo, na *Lógica* ou na *Fenomenologia* parte de uma contradição simples: Ser e Nada; consciência sensível e de seu saber (exemplo de Althusser). A complexidade viria à seguir, após a “superação” da primeira contradição, e aumentaria à cada contradição resolvida. Porém, “poder-se-ia mostrar que essa complexidade não é a complexidade de uma *sobredeterminação efetiva*, mas a complexidade de uma *interiorização cumulativa*, que tem apenas as aparências de sobredeterminação.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 79. Grifos do autor.) Dessa forma a complexidade do sistema hegeliano acaba por retornar, sempre, à simplicidade da contradição primeira. Não há sobredeterminação.

Por fim, com os acúmulos referentes à sobredeterminação, retomamos um ponto tocado anteriormente a partir de Mao e que constitui elemento fundamental da diferenciação entre Marx e Hegel: a negação “da negação da negação”. No marxismo não há negação da negação: não há negação que nega a si mesmo superando o que é negado. Esse elemento seria básico para o sistema da dialética hegeliana, visto que desde seu início há uma contradição simples entre dois elementos em uma relação de exterioridade-interiorização. Para o processo continuar, porém, é necessário que um dos termos dessa negação, o termo negado, volte à existência após ser negado, porém já de forma diferente, visto que sofreu o “trabalho do negativo”. Nesse sentido, a dialética hegeliana é sempre uma dialética da conservação, da *Aufhebung*, da negação que conserva. Hegel “requer esse ‘processo simples de dois contrários’, essa unidade simples se cindindo em dois contrários[...]. É essa unidade originária que constitui a unidade dilacerada dos dois contrários em que ela se aliena, tornando-se outra ao mesmo tempo que permanece ela mesma.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 159). A diferença que ali se encontra nunca é radical, nunca admite ruptura. A negação da diferença que ocorre em Hegel está ligada ao fato de que a *totalidade* hegeliana é uma esfera de

esferas, onde todo o processo é o processo do mesmo, uma continuação da primeira contradição, a contradição simples. Para a dialética marxiana, porém, parte-se sempre de um “todo complexo estruturado ‘já dado’” (ALTHUSSER, 2015 [1965], *passim*) - não há contradição simples<sup>19</sup>, há sempre processos complexos, interconectados por múltiplas contradições. No marxismo há diferença desde o início, visto que nunca se parte do simples, mas do “concreto que é concreto porque é síntese de múltiplas determinações” (MARX, 2011 [1857], p. 54). Esclarece-se que a “negação da negação” (*Aufhebung*) é uma noção idealista, não faz sentido quando se trata de “concretos”.

Segundo Althusser, fica claro o porquê de Marx se ver obrigado a introduzir, como imagem de seu pensamento, a metáfora do edifício: para ele “as diferenças são reais, e não apenas diferenças de esferas de atividade, de práticas, de objetos: são *diferenças de eficácia*. A última instância funciona aqui para fazer explodir a tranquila figura do círculo ou da esfera” (ALTHUSSER, 1979 [1975], p. 146. Grifo nosso). Entre os “andares” do edifício há diferença. Existe desde o início *diferença*, diferentes “níveis” – mesmo que exista uma “base”, os “níveis” influenciam-se entre si, além de haver influência dos “andares” superiores sobre a base. Por outro lado, a metáfora do “edifício”, quando mal usada pelo economicismo vulgar, acaba por apagar a diferença e partir de um suposto simples, “a economia”, que, a partir da “contradição entre forças produtivas e relações de produção”, daria a base da qual os outros “andares” seriam apenas reflexo. Cai-se assim, a partir de um sistema com bem menos complexidade, na mesma falha do sistema hegeliano: a noção inicial de um processo simples que produz a si mesmo a partir de sua própria contradição. Nega-se a diferença real entre os níveis e transforma uns em puro fenômeno de outros.

Para finalizar esta seção, gostaria de comentar um trecho de Althusser que afirma o exposto acima mas com a utilização de outros termos. Trata-se de um comentário sobre a noção de *totalidade*:

Hegel pensa uma sociedade como uma totalidade, enquanto Marx a pensa como um todo complexo, estruturado com dominante. [...] No interior da totalidade se corre sempre um duplo risco: o de considerá-la como

---

<sup>19</sup> A não ser como objeto de conhecimento – entretanto este, em sua forma científica, não é “simples” no mesmo sentido, mas uma abstração geral que sabe de sua inexistência concreta.

uma essência atual que abarca exaustivamente todas suas manifestações, e, o que vem a dar no mesmo, o de descobrir nela como um círculo ou em uma esfera, cujas metáforas nos remetem a Hegel, um centro que é sua essência (ALTHUSSER, 1979 [1975], p. 145. Grifos do autor).

Como Althusser admite, ele opta por “reivindicar para Marx a categoria de *todo*” (1979 [1975], p. 145. Grifo do autor). Essa estratégia parece ser fundamental para salientar a diferença de Marx não só em relação à Hegel mas a outras ontologias totalizantes. Essa palavra tem, em Filosofia, um significado bastante carregado, sobretudo pela tradição da dialética alemã. Como se sabe da força de Hegel na tradição marxista, evitar essa palavra hegeliana pode ser de grande ajuda. Concluo defendendo Althusser de uma crítica ligeira sobre essa questão - a de que o próprio Marx utiliza a palavra “totalidade” - parafraseando o filósofo francês: a palavra “totalidade” não passa de uma palavra. É o lugar que ocupa e a função que exerce na filosofia hegeliana que lhe conferem seu *sentido*.<sup>20</sup>

#### A INVERSÃO DA DIALÉTICA

Chega-se, finalmente, ao tema da relação Marx – Hegel nos termos em que ela mais é conhecida. Uma ideia bastante difundida sobre o marxismo e suas origens é a de que Marx e Engels pegaram de Hegel o seu método dialético, que nele se apresentava de forma idealista, e o utilizaram para pensar a materialidade, visto que seus objetivos e objetos de estudo eram diferentes. A crítica a Hegel efetuada por Marx em sua juventude, em sua época feuerbachiana, atestaria isso. Porém, como atenta Stuart Hall, o materialismo marxista “não pode se apoiar sobre o argumento de que ele abole o caráter mental – muito menos os efeitos concretos – dos eventos mentais (ou seja, o pensamento), pois este é, precisamente, o equívoco daquilo que Marx chamou de materialismo mecânico ou unilateral” (HALL, 2008, p. 164). O que torna Hegel Marx diferentes não é o objeto de sua dialética – ou a “Ideia” ou o “material”.

A leitura simplista da mera mudança de objeto, a da “colocação da dialética sobre seus pés”, por outro lado, está baseada numa afirmação do próprio Marx. No *Posfácio da segunda edição de O Capital*, Marx afirma

---

<sup>20</sup> A frase original diz: “a palavra ‘homem’ não passa de uma palavra. É o lugar que ocupa e a função que exerce na ideologia e na filosofia burguesas que lhe conferem seu *sentido*” (ALTHUSSER, 1979 [1972a], p. 30. Grifo do autor).

sobre a dialética em Hegel: “Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.” (MARX, 2015 [1873], p. 91). Essa afirmação, porém, deve ser entendida com fins didáticos. É apenas uma frase isolada e não desenvolvida – partir dela para julgar todo o sistema marxiano demonstra uma opção pouco interessante. Além disso, como visto, a dialética hegeliana e sua *Aufhebung* fazem parte necessária de seu sistema, que é uma esfera de esferas. Inverter um sistema desse tipo não resultaria em algo diferente: “virar um objeto inteiro não muda sua natureza nem seu conteúdo pela virtude de uma simples rotação!” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 56). A relação de Marx com Hegel deve ser pensada, finalmente, se pretende-se ser marxista, e não hegeliano, através do modelo dialético propriamente marxiano: o de ruptura e de diferença efetiva. A “superação” de Marx por Hegel não é a do modelo de *Aufhebung* - “ou seja, o enunciado de verdade do que está contido em Hegel; não é uma superação do erro rumo à sua verdade, mas, ao contrário, uma superação da ilusão rumo à realidade.” (ALTHUSSER, 2015 [1965], p. 59. Grifos do autor). Marx não colocou a dialética hegeliana no “caminho correto”, o do materialismo, mas inaugurou um método novo que poderia por fim sair da ideologia e apreender os movimentos do concreto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intento de Althusser se revela fundamental por mostrar a complexidade do pensamento de Marx e reafirmar a centralidade de sua obra e seu método para a compreensão do mundo contemporâneo, bem como para sua transformação. Sobretudo no mundo contemporâneo, onde ao mesmo tempo em que vemos um ressurgimento do marxismo como resposta ao fim do “fim da história”, vemos uma multiplicidade de formas de luta e de reivindicação “anti-sistêmicas” aflorar. Um marxismo estagnado e economicista, como o que se revelou historicamente ao ignorar questões específicas como a raça, o gênero, o colonialismo e a sexualidade, ou um marxismo teleológico e evolucionista, que em geral acompanhou as mesmas faltas do primeiro, não podem de maneira alguma continuar sendo a concepção geral do que é e quais as possibilidades da concepção de mundo inaugurada por Marx. Como salienta Stuart Hall, a ruptura de Althusser com



a concepção monística do marxismo demandou a teorização da diferença – o reconhecimento de que há distintas contradições sociais cujas origens são também diversas; que as contradições que impulsionam os processos históricos nem sempre surgem no mesmo lugar, nem causam os mesmo efeitos históricos. (HALL, 2008, p. 152).

O marxismo de Althusser, e talvez isso esteja ligado à sua proximidade ao chamado “estruturalismo” ou ao que Callinicos chama de “influência da tradição nietzsch-heideggeriana” (1993, p. 44. Tradução nossa), é o primeiro marxismo que propõe pensar a diferença e a multiplicidade da determinação do movimento histórico de forma séria, bem como abandonar a teleologia própria ao marxismo vulgar ou hegeliano. Toda essa originalidade do pensamento de Althusser, desde seus primeiros ensaios, está concentrada em uma palavra: *sobredeterminação*. Por fim, como também atesta Hall, fazendo eco a afirmação de Callinicos citada no início deste artigo, “depois de ‘Contradição e *sobredeterminação*’, o debate sobre a formação social e a determinação no marxismo nunca será o mesmo. Isso constitui, por si só, uma enorme revolução teórica.” (HALL, 2008, p. 159). O marxismo é uma concepção de mundo científica e, como toda a ciência, ele surge e se desenvolve através de continuidades e discontinuidades – encontrar em Marx uma forma de pensar a determinação de maneira a respeitar a existência da diferença sem abandonar o projeto de apreender o movimento histórico é, talvez, a maior contribuição de Althusser.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis, *Por Marx* [1965]. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

\_\_\_\_\_, Resposta à John Lewis [1972a]. In: \_\_\_\_\_, 1978, p. 13 – 71.

\_\_\_\_\_, Elementos de Autocrítica. [1972b]. In: \_\_\_\_\_, 1978, p. 75 – 185.

\_\_\_\_\_, Sustentação de tese em Amiens [1975]. In: \_\_\_\_\_, 1978, p. 129 – 167.

\_\_\_\_\_, *Posições 1*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BADIOU, Alain. O Recomeço do Materialismo Dialético. In: ALTHUSSER, Louis; BADIOU, Alain. *Materialismo histórico e materialismo dialético*. São Paulo: Global, 1979, p. 7 – 32.

\_\_\_\_\_. An Essential Philosophical Thesis: 'It Is Right to Rebel against the Reactionaries' (Primeiro capítulo de 'Theorie de la Contradiction') (1975), *Positions*, 13:3, p. 669-677, 2005.

CALLINICOS, Alex. What Is Living and What Is Dead in the Philosophy of Althusser. In: KAPLAN, E. Ann; SPRINKER, Michael (eds.). *The Althusserian Legacy*. London: Verso, 1993, p. 40 – 9.

CHATEIGNER, Frédéric. From Althusser to Mao: Les Cahiers Marxistes-Léninistes, *Décalges*, Vol. 1, Iss. 4, 2013. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/6>. Acesso em Junho de 2016.

ENGELS, Friedrich. *Carta a Bloch* (1890). Disponível em: [http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/Carta\\_Engels\\_Bloch.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/bibliografia/Carta_Engels_Bloch.pdf)>. Acesso em Junho de 2016.

GARCIA, Tomás Coelho. O primado das relações de produção – uma contribuição de Althusser e Balibar para os dilemas atuais, *Lutas Sociais*, São Paulo, vol.18 n.33, p.133-146, jul./dez. 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LUKÁCS, Gyorgy. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MAO TSÉ-TUNG. Sobre a Contradição [1937]. In: \_\_\_\_\_; ZIZEK, Slavoj. *Sobre a prática e a contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 83 – 127.

\_\_\_\_\_. Conversa sobre questões de filosofia [1964]. In: \_\_\_\_\_; ZIZEK, Slavoj. *Sobre a prática e a contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 207 – 230.

MARTÍN, Pedro Benítez. Thompson versus Althusser, *Crítica Marxista*, n.39, p.129-139, 2014.

MARX, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política [1857]. In: \_\_\_\_\_, *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858 – Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 37 – 64.

\_\_\_\_\_. Prefácio de Para a Crítica da Economia Política [1859]. In: \_\_\_\_\_, *Manuscr̄itos Econômico-Filosóficos - e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 133 – 138.

\_\_\_\_\_. *O Capital: Crítica da Economia Política – Livro I – O processo de produção do capital* [1867]. São Paulo: Boitempo, 2015.

\_\_\_\_\_. Posfácio da segunda edição [1873]. In: \_\_\_\_\_. 2015, p. 83 – 91.

MOTTA, Luiz Eduardo. O (re)começo do marxismo althusseriano, *Crítica Marxista*, n.35, p.73 – 89, 2012.

\_\_\_\_\_. *A favor de Althusser – revolução e ruptura na Teoria Marxista*. Rio de Janeiro: Grama – FAPERJ, 2014.

SARTE, Jean-Paul. *O fantasma de Stalin* [1956]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

ZIZEK, Slavoj. Mao Tsé-Tung, ‘Senhor do Desgoverno’ marxista. In: MAO TSÉ-TUNG; ZIZEK, Slavoj. *Sobre a prática e a contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 7 – 38.